

# “Com Machado de Assis vou de mão dada”: sobre a cidade do Rio de Janeiro no *Breviário do Brasil*, de Agustina Bessa-Luís

Viviane Vasconcelos  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RGPL-PPLB)

## Resumo

O artigo pretende analisar algumas passagens sobre a cidade do Rio de Janeiro no livro de Agustina Bessa-Luís, *Breviário do Brasil* (2016). A hipótese central reside no fato de a obra começar e terminar na cidade, oferecendo como um dos guias principais Machado de Assis. No entanto, pretendemos discutir qual é a definição à qual a escritora chega, bem próxima de um lugar de contradições e, igualmente, de uma espécie de metonímia do Brasil. Agustina Bessa-Luís compreende o país como um conjunto de contrastes que forma uma cultura de natureza trágica, mas que desenvolve a imagem da força. Nesse sentido, a proposta tem três breves movimentos. O primeiro, pretende anunciar algumas estratégias de escrita do livro. Em seguida, como essas formulações são importantes na construção de uma cidade que se confunde com a representação, segundo Agustina, de Machado. Por fim, parece interessante notar que a uma das principais características será uma cidade formada por contrariedades de difícil compreensão.

**Palavras-chave:** literatura portuguesa; Agustina Bessa-Luís; Rio de Janeiro.

## Abstract

The article aims to analyze some passages about the city of Rio de Janeiro in the book by Agustina Bessa-Luís, *Breviário do Brasil*. The central hypothesis lies in the fact that the work begins and ends in the city, offering as one of the main guides Machado de Assis. However, we intend to discuss what is the definition to which the writer arrives, very close to a place of contradictions and, equally, a kind of metonymy of Brazil. Agustina Bessa-Luís understands the country as a set of contrasts that forms a culture of a tragic nature, but which develops the image of force. In this sense, the proposal has three brief movements. The first is intended to advertise some book writing strategies. Then, how these formulations are important in the construction of a city that blends with the representation, according to Agustina, de Machado. Finally, it seems interesting to note that one of the main features will be a city formed by hardships that are difficult to understand.

**Keywords:** Portuguese literature; Agustina Bessa-Luís; Rio de Janeiro.

Recebido em: 16/11/19  
Aprovado em: 04/12/19

*Sábios em vão  
Tentarão decifrar  
O eco de antigas palavras  
Fragmentos de cartas, poemas  
Mentiras, retratos  
Vestígios de estranha civilização.*

PARATODOS. [Compositor e intérprete]:  
Chico Buarque. São Paulo: BMG, 1993. LP (36:36 min.)

O que pode parecer contraditório, de início, é ler um livro que se propõe ser um relato de viagem, mas tem o título de “breviário”, observação apontada por Pedro Mexia no prefácio da edição brasileira, de 2016. Se brevíário sugere a ideia de uma obra a ser lida diariamente, ou melhor dizendo, funcionando até como uma leitura habitual, de afeição, também é possível refletir acerca da questão do gênero anunciada no título. Agustina afirma nas primeiras páginas que o objetivo era escrever carinhosamente sobre o Brasil, país em que seu tio-avô viveu e com quem seu pai manteve uma ligação por décadas; porém logo surge a complexidade, segundo ela, de tentar escrever diante das diferenças e da grandiosidade cultural dos espaços que percorre.

Como viajante também de suas memórias, muitas delas literárias, a escritora parece realizar em *Breviário do Brasil* um exemplo do que ocorre com os narradores de seus livros, a começar pela problematização do gênero textual apontada no título da obra. Não sendo um relato de uma viagem, um diário ou uma crônica, o que Agustina pretende fazer é deixar o olhar suspenso para as lacunas que o Brasil provoca na sua vivência de escritora, como também criar a experiência de uma memória fragmentada, como se confirmasse que um dos caminhos para algum entendimento acerca do Brasil acontecesse por meio da interligação de regiões, fatos e arquiteturas que evidenciasse os contrastes que, por sua vez, criam desdobramentos de imagens no lugar de definições conclusivas.

Nesse sentido, proponho apresentar como se constrói o brevíário agustiniano tomando como exemplo o Rio de Janeiro, cidade com a qual o livro começa e termina, a partir de três perspectivas, a saber: o olhar de cronista para os fatos que formam o espaço, algumas referências às histórias que compõem o imaginário da cidade e, por fim, fragmentos que citam Machado de Assis como um exemplo de escritor que se confunde com a memória do Rio de Janeiro.

Nas primeiras linhas do livro, Agustina cita uma frase de Stefan Zweig para assinalar a complexidade que é falar acerca do Rio “porque tudo é oferecido numa dimensão vastíssima, como se uma vênus feita de ar, de mar e de terra, nos desse as boas-vindas” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 15). A utilização do adjetivo no superlativo absoluto sintético de um vocábulo cujo significado traz a ideia de excesso parece ser importante para as descrições que são feitas sobre a cidade. Em um processo de escrita fragmentado, Agustina tece um caminho que obedece a um percurso da memória, pois retoma os lugares em momentos diferentes da sua narrativa, em viagens também ocorridas em tempos distintos.

Retomando a ideia de uma cidade de “dimensão vastíssima”, ainda sobre a descrição agustiniana, existe uma associação à Vênus, que será explicada quando a autora destaca o erotismo de aspecto romântico que mascara qualquer traço de agressividade da cidade. Esse processo comparativo é essencial para a compreensão da escrita do livro. O Rio é também um ponto de partida e chegada para o entendimento de um país que só pode ser analisado em conjunto porque “uma civilização se define através do sentido da comparação” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 25). Importante pensar que a comparação não será realizada por meio da semelhança, mas a partir de uma premissa de que o Brasil, na sua grandiosa extensão, fosse também explicado pela interrogação de Stefan Zweig sobre o Rio: “Vou poder dizer tudo sobre o Rio, sem esquecer demasiado?” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 15).

O livro, portanto, é um mosaico de citações, de referências de fatos, memórias que retornam: “Mas voltaremos ao Rio, onde nos esperam novos percursos desse pensamento com sono de criança que o Brasil inteiro nos oferece” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 21). O processo de construção dessas experiências por meio dos percursos se aproxima com um dos aspectos sobre a história presentes na obra de Walter Benjamin e analisados por Didi-Huberman quando se refere ao historiador alemão como “trapeiro da memória”. Benjamin compreende que não há uma história linear, pois “há sequências onidirecionais, rizomas de bifurcações em que, para cada objeto do passado, entram em colisão”, o que Benjamin chama de sua “história anterior” e sua história “ulterior” (DIDI-HUBERMAN, 2019, p. 115-116). Como “trapeira” da memória das coisas, Agustina não descarta os vestígios, as contradições, os fatos anteriores.

Na obra *Passagens* (BENJAMIN, 2006), que é analisada por Didi-Huberman, a teoria da experiência não é somente dada pela capacidade de olhar, mas também pela percepção trazida pelo que é vivido. A escrita do *Breviário do Brasil* não tem só referência para fora, mas para dentro de um processo de escrita que, por vezes, lembra a ideia de um diário ou de uma crônica, como é possível notar quando a escritora menciona a experiência do seu pai na cidade: “O meu pai foi para o Rio [quando] tinha doze anos [...]. Era um homem valente, com ar de boa pessoa. Ninguém diria como ele era destemido e sem medo de nada neste mundo. Mas acreditava no Candomblé, não falava muito nisso” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 16-17).

Às memórias familiares, juntam-se ainda impressões sobre os morros cariocas, os contrastes da cidade, sobre o sotaque carioca, a observação da menina que vendia fósforos na porta do Scala cuja história “não se destina aos arquivos da cidade nem a ser citada nas sessões da academia” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 21).

Na busca pela definição do que pode ser o Rio de Janeiro, Agustina chega à conclusão de que há “relações de submissão-agressão” que deixam vestígios na população (BESSA-LUÍS, 2016, p. 20) e que formam uma cidade da sedução de Vênus, mas que convive com questões históricas complexas. Uma das maneiras de compreender esse paradoxo ocorre quando relata que estava no Brasil no dia em que Tancredo Neves morreu:

Fez-se um feriado em que o luto era decente gosto de estar desocupado, sem grandes vozes, sem corridas. Tudo calmo, uma tarde na Tijuca, uma cerveja na cervejaria, um jantar no rodízio, e as crianças saciadas a correr em volta das mesas (BESSA-LUÍS, 2016, p. 20).

O *Breviário do Brasil* é formado por essas tramas, muitas vezes não dominadas, que se dão em diferentes obras, livros, discursos e saberes que confirmam um percurso não só de viajante, mas de leitora. O Rio, como metonímia do Brasil, é um espaço em aberto que problematiza cada tentativa de descrição que a escritora faz. Interessante notar que essa escrita que não quer deixar nada de fora, nenhuma informação, ressalta a todo instante a relevância de poetas e escritores brasileiros para o conhecimento do país, a exemplo do que diz sobre a capital de Pernambuco: “Mas quem diz tudo de Recife é Manuel Bandeira” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 27).

Volto à ideia inicial de que o livro não começa e praticamente termina com o Rio de Janeiro sem uma intenção. A rua do Ouvidor, como símbolo que reúne uma espécie de espaço constitutivo de uma cidade, cujo nome foi dado por uma influência popular por nela residir o ouvidor-mor da cidade, Francisco Berquô da Silveira, é uma “invenção” machadiana ou sua atmosfera ocorre pela presença constante do olhar de Machado, a quem a escritora dedica outras passagens do livro para ressaltar a presença da ironia na base estrutural e estilística de suas obras, mas também como marca de construção do Rio:

O Rio é uma espécie de cruzamento não de raças mas de vestígios de civilizações. No tempo em que o imigrante português cá andava, negociando em frutas ou gerindo o restaurante típico, a Rua do Ouvidor era uma espécie de Rua da Direta de qualquer cidade de Portugal. As casas de sobrado têm o ar penteado e mesquinho, quase têm colarinho e gravata. O que eu mais gosto em Machado de Assis, o maior dos narradores brasileiros, é aquele humor sem concessões à respeitabilidade e a sua indolência para fazer moral. (BESSA-LUÍS, 2016, p. 218)

Machado de Assis foi quem melhor compreendeu o Brasil, segundo Agustina, pois foi um “escritor profundamente cravado na realidade” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 168), capaz de reunir “a sensibilidade ácida de Sterne, com não sei que alvorada do coração de que parece sempre em vias de despedida” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 168), uma escrita “ligeira” e “segura”. Para exemplificar o que seria essa forma, Agustina compara o trabalho do escritor ao rio “de subida a varejão, de descida no caudal da cachoeira” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 168). As definições comparatistas de Agustina oferecem algumas saídas para a uma das hipóteses de leitura do livro. Sendo Machado de Assis o maior escritor do Brasil, capaz de desenvolver uma narrativa irônica, com a “arte de sugerir o amor sem lhe dar importância” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 168), o escritor revela-se como um homem capaz de perceber, no seu tempo, certas características constitutivas da formação da cidade que se desdobram, de outras formas e com variações, em outros lugares do Brasil, formando um conjunto de forças ao qual Agustina se refere para explicar o país.

Inserir a rua do Ouvidor como um espaço a partir do qual é possível compreender um pouco mais acerca de uma história brasileira não é um assunto novo, mas não deixa de ser inquietante. De algum modo, ao atribuir a Machado de Assis um lugar privilegiado de narrador brasileiro, Agustina Bessa-Luís também acaba por estabelecer que essas contradições internas das quais é formada a cidade desde a chegada da Corte são marcas irreversíveis do Rio de Janeiro que observa no decorrer do seu *Breviário*:

Apesar de mudado, o Rio não deixa de sugerir o tempo em que era conhecido pela “Corte”, com a Quinta da Boa-Vista e o Passeio Público; e aquele jeito de ser província, sendo reino, a maneira de ter amigos até no recebedor do bonde, que puxa a campainha e o bonde para em qualquer lugar [...]. (BESSA-LUÍS, 2016, p. 170)

O contraste notado por Agustina Bessa-Luís, que revela um modo de vida provinciano e ligado aos hábitos de uma elite e, ao mesmo tempo, a exclusão de grande parte da população diante de um modelo de desenvolvimento urbano que pretendeu ser moderno, tenta esconder, como nota no início do livro, qualquer traço de agressividade: “Porém os jornais estão cheios de casos macabros e de proezas a que só a selva dava cobertura” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 15).

As estratégias sinalizadas por Agustina Bessa-Luís em relação à escrita de Machado de Assis, que evidenciam de maneira elucidativa essa ambiguidade perversa de desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, parecem se aproximar do termo utilizado por Luiz Costa Lima (1998). Costa Lima adverte que para tecer algumas formulações acerca do governo, Machado precisou ser um “mestre de capoeira”, utilizando a crônica como uma escrita capaz de esconder seu verdadeiro tema. Agustina percebe em Machado essa escrita sinuosa, extremamente ácida, mas que consegue utilizar elementos que permitem uma manobra em relação ao objetivo central das suas narrativas.

Penso em algumas aproximações para que Agustina eleja Machado como seu condutor principal para a escrita do *Breviário*. Álvaro Manuel Machado (1983) observa que a escrita agustiniana se assemelha a uma “arte da rosácea”, ou seja, uma maneira fragmentada que torna impossível, muitas vezes, haver um objetivo central nas narrativas. A pesquisadora Silvana Rodrigues Lopes destaca, ainda, que a trajetória das imagens na obra de Agustina

[...] não torna visível um invisível centro mas uma constelação de centros irradiantes que se chocam (comunicam) compondo uma totalidade problemática e problematizante. Ou seja, o seu movimento não é do acidental para o essencial, mas sim o ritmo do acontecimento, transformação incessante não limitada por um ideal de perfeição ou completude. Daí que a busca da totalidade se integre no próprio processo de fragmentação que não cria qualquer espaço totalizante porque é criação de um espaço de abertura contínua à Totalidade. (LOPES, 1984, p. 99)

Álvaro Manuel Machado afirma que uma característica importante desde *A Sibila*, escrito em 1953, é evidenciar as “impurezas” da história. O leitor que pretende almejar, portanto, um posicionamento ideológico mais objetivo, irá notar que as narrativas não expõem a crítica de forma tão evidente.

Em entrevista a Artur Portela, inserida no livro *Agustina por Agustina* (1986), a escritora ratifica seu interesse em manter as estratégias sinuosas e abertas da escrita literária: “Ninguém quer, suponho eu, ser orientado. Ninguém quer o definitivo; o definitivo é totalitário” (1986, p. 14). As narrativas apontam para os enganos da história, assim como o trapeiro da memória que é Benjamin, segundo Didi-Huberman. O discurso oficial é relativizado, confirmando que, embora os fatos pareçam atuais, o Rio sempre foi a tentativa de reprodução do modelo da Corte, uma cidade que recebeu o maior número de pessoas escravizadas e que, ao mesmo tempo, quis servir de modelo moderno em que um dos maiores expoentes foi a rua do Ouvidor.

Uma outra forma de pensar essa proximidade com a ideia de que Machado orienta a escrita do *Breviário*, por meio do conhecimento do Rio/Brasil, está quando a escritora afirma que ele é “um dos melhores amigos na literatura” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 168). Portanto, se há uma viagem principal a conduzir o olhar agustiniano, essa trajetória é machadiana e literária: “Com Machado de Assis vou de mão dada pela Avenida Copacabana, numa confiança literária que já ninguém usa” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 170).

Encaminho-me para o final da minha reflexão tentando desenvolver um pouco mais o que seria essa “confidência literária” em desuso, um segredo estabelecido entre a escritora, enquanto leitora, e Machado de Assis.

No ensaio “Sobre alguns temas em Baudelaire”, de 1939, Walter Benjamin estabelece uma aproximação entre as ideias propostas por Henri Bergson e os sete volumes que compõem *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. Benjamin afirma que Proust desenvolve a ideia de experiência por meio de sua literatura. Nas primeiras páginas de *Matéria e memória* (2001), Bergson apresenta uma advertência relevante:

Toda imagem é interior a certas imagens e exterior a outras; mas do conjunto das imagens não é possível dizer que ele nos seja interior ou que nos seja exterior, já que a interioridade e a exterioridade não são mais que relações entre imagens. Perguntar se o universo existe apenas no nosso pensamento ou fora dele é, portanto, enunciar o problema em termos insolúveis, supondo-se que sejam inteligíveis; é condenar-se a uma discussão estéril, em que os termos pensamento, existência, universo serão necessariamente tomados, por uma parte e por outra, em sentidos completamente diferentes. Para solucionar o debate, é preciso encontrar primeiro um terreno comum onde se trava a luta, e visto que, tanto para uns como para outros, só aprendemos as coisas sob forma de imagens, é em função de imagens, e somente de imagens, que devemos colocar o problema. (BERGSON, 2001, p. 21)

Para Benjamin, a diferença entre Proust e Bergson pode ser compreendida na possibilidade do esquecimento, que suspende a memória voluntária. O sonho, por exemplo, seria uma forma de uma de interrupção que cede lugar a uma rede de ligações com imagens. Em outras palavras, seria o esquecimento de um evento conscientemente vivido. Em Proust, o encontro com um objeto pode ser capaz de um entendimento de outro tempo, por meio da convocação de imagens de objetos. No volume da série, “No caminho de Swann”, o narrador-personagem sintetiza a sua busca:

[...] É assim com o nosso passado. Trabalho perdido procurar evocá-lo, todos os esforços da nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora de seu domínio e do seu alcance, nalgum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos. Esse objeto, só de acaso depende que o encontremos antes de morrer, ou que não encontremos nunca. (PROUST, 1984, p. 45)

De acordo com Benjamin, a diferença entre Bergson e Proust reside na forma como a experiência acontece. Para aquele, depende de uma escolha, dos fragmentos selecionados na relação tempo-espaço. Para este, o encontro com o instante da percepção da dimensão da fragilidade e da mortalidade.

De algum modo, quando Agustina encerra a narrativa de mão dada com Machado, trazendo a sua memória de leitora da cidade por meio do escritor, parece tentar deixar evidente que seu olhar de viajante é o de leitora. Na construção paisagística à qual também recorre, estão presentes dimensões biográficas, leituras da sociologia, da filosofia, mas sobretudo as literárias. São essas memórias, quase proustianas, despertadas por uma música, pelo samba, pelo verso, pelos álbuns de família. Mas, a tese que tento explicitar, por fim, é que esse Rio de Janeiro despertado no olhar de Agustina é a síntese da impossibilidade de escolher qual a imagem que mais a afetou: “Não sei que recordações me afectam mais, agora que vou deixar o Brasil” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 172).

Recordo a imagem do rio a qual utiliza para explicar a escrita machadiana. Assim como a escrita é essa precisão que corre para uma imensidão, a cidade também é representada por essa alegoria que utiliza para dar a ver a literatura de Machado de Assis. De um lado, a pretensa modernidade que possibilitou a ruas e bairros lugares de destaque na memória de uma cidade. Do outro, os “vestígios de civilização” escritos por Agustina para falar da presença de outros povos, culturas e modos de vida que foram fundamentais para uma ideia contraditória de um jogo que, segundo Agustina, se confunde com a própria vida (BESSA-LUÍS, 2016, p. 173), um “povo a quem o canto assombra como se viesse do céu” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 62).

## Referências

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins e Fontes, 2001.

BESSA-LUÍS, Agustina. *Breviário do Brasil*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

LIMA, Luiz Costa. *Machado: mestre de capoeira*. In: SECCHIN, Antonio Carlos; ALMEIDA, José Maurício Gomes de; SOUZA, Ronaldo de Melo (orgs.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998.

LOPES, Silvina Rodrigues. [Resenha] MACHADO, Álvaro Manuel. *Agustina Bessa-Luís: o imaginário total*. Lisboa: Dom Quixote, 1983. In: *Revista Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 81, p. 99-100, set. 1984.

MACHADO, Álvaro Manuel. *Agustina Bessa-Luís: o imaginário total*. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

PORTELA, Artur. *Agustina por Agustina*. Entrevista. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann*. Tradução: Mário Quintana. São Paulo: Globo, 1984. v. 1.

## **Minicurrículo**

Viviane Vasconcelos é professora de Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui graduação em Comunicação Social (Jornalismo), em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e em Letras — Português/Italiano, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). cursou mestrado em Literatura Portuguesa e doutorado em Literatura Comparada (UFF). É membro do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura. Tem desenvolvido pesquisas dentro da linha “Literatura e outras artes”.